

***A nova pedagogia da hegemonia:  
estratégias do capital para educar o consenso,  
de Lúcia Maria Wanderley Neves (Org.).  
São Paulo: Xamã, 2005.***

\*Mestrando em Educação  
– PPGE-Uninove; Especialista  
em Educação [Formação para  
Docentes] – PUC-SP; Professor  
na graduação – UNG/Uninove.  
[oswmarques@uol.com.br](mailto:oswmarques@uol.com.br), São  
Paulo [Brasil]

***Oswaldo Marques\****

A ampliação do Estado brasileiro a partir da década de 1980 foi o tema que norteou a pesquisa coordenada pela professora Lúcia Maria Wanderley Neves. Realizada pelo Coletivo de Estudos de Política Educacional da Universidade Federal Fluminense (UFF), o trabalho teve duração de três anos e se insere no contexto de implantação e aprofundamento do modelo societário neoliberal. No trabalho, constatou-se que Terceira Via, um programa político específico, teorizado pelo sociólogo britânico Anthony Giddens, que serve de base para a análise sobre a difusão, na sociedade brasileira, dos novos ideais, idéias e práticas voltadas para a construção de uma nova pedagogia da hegemonia, é modelo inspirador do caminho pelo qual o neoliberalismo se tem desenvolvido em nosso país.

O estudo é adequado para o momento atual, propício para o aprimoramento das discussões sobre os rumos da formação humana e para o entendimento sobre as formas atuais de dominação de classe, sobretudo no Brasil. Como destaque, antecede a obra o prefácio do cientista político Carlos Nelson Coutinho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Uma apresentação da organizadora dá conta de ser o trabalho em três partes que se articulam e se complementam:

Na introdução, com o título “Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia”, a professora Neves e o professor Ronaldo Sant’Anna apresentam o referencial teórico norteador do trabalho empírico realizado pelos membros do Coletivo de Estudos. As idéias de Antonio Gramsci – pensador e revolucionário italiano, cuja influência sobre o pensamento social brasi-

leiro é mais sentida nas últimas décadas –, são utilizadas para fundamentar as críticas ao modelo em implantação no Brasil, por meio da análise do impulso específico, de como o sistema capitalista, pelo aumento da exploração do trabalho humano, vem-se recriando, transformando a realidade, revolucionando valores e práticas nas sociedades sob sua direção. Na obra, empregaram-se, com precisão e atualidade, algumas categorias gramscianas (Estado ampliado, hegemonia, sociedade civil, bloco histórico, ocidente/oriente, revolução passiva, grande e pequena política etc.) para conceituar as novas formas de luta pela hegemonia, nos marcos do atual predomínio da ideologia e da prática do neoliberalismo, inserida na Terceira Via.

Na primeira parte, composta de dois capítulos, a nova pedagogia da hegemonia é situada em amplo quadro histórico-social. O primeiro deles, “Pressupostos, princípios e estratégias”, de Kátia Regina de Souza Lima e André Silva Martins, apresenta as formas utilizadas pelo projeto neoliberal da Terceira Via, que fundamentam a pedagogia da hegemonia em nível mundial. O segundo, escrito por Adriana Almeida Sales de Melo, leva o título de “Os organismos internacionais na condução de um novo bloco histórico”, e identifica os mecanismos utilizados pelos organismos internacionais para a propagação da nova versão do capitalismo.

Para o Coletivo de Estudos, as novas tentativas hegemônico-pedagógicas das classes dominantes se dão num quadro em que predomina a chamada pequena política, que, para Gramsci, denota a ação política que evita pôr em questão os fundamentos da ordem social. Um dos principais objetivos do neoliberalismo é transformar o conceito e a realidade prática da sociedade civil; enquanto para Gramsci a sociedade civil é a principal arena da luta de classes nas sociedades ocidentais, os ideólogos da Terceira Via buscam transformar a sociedade civil em algo além do Estado e do mercado, num terceiro setor que se caracterizaria pelo voluntariado, pela filantropia e, sobretudo, pela redução das demandas sociais ao nível corporativo dos interesses particulares. Os autores vislumbram a tentativa de construir uma nova cidadania, li-

mitada a esses interesses corporativos e carentes da dimensão universalista que caracteriza a grande política. Mostram ainda, de maneira convincente, como toda essa operação ideológica visa à perpetuação e ao fortalecimento de uma hegemonia que busca e, não raro, obtém, o consenso das classes subalternas para a conservação de políticas que, sob forma mais sofisticada, continuam a servir, eficientemente, aos interesses do grande capital.

Na segunda parte, composta de quatro textos, os autores, ao constatarem que a sociedade brasileira é “ocidental” no sentido gramsciano, demonstram como os fenômenos antes descritos se manifestam concretamente no país e como a burguesia brasileira se tem empenhado em ser, além de classe dirigente, educadora do consenso, tal como é exigido nas sociedades mais complexas, nas quais o Estado se ampliou com a incorporação dos aparelhos da sociedade civil.

Em “A sociedade civil, como espaço estratégico de difusão da nova pedagogia da hegemonia”, Neves mostra como a nova pedagogia da hegemonia se difundiu no Brasil, por intermédio do registro das alterações ocorridas na estrutura e na dinâmica da sociedade brasileira dos anos 1980 até nossos dias. No artigo “Estratégias burguesas de obtenção do consenso nos anos de neoliberalismo da Terceira Via”, André Silva Martins revela as estratégias burguesas para a educação do consenso no conjunto da sociedade brasileira, segundo os postulados e práticas do projeto de sociabilidade neoliberal da Terceira Via. Marcelo Paula de Melo e Ialê Falleiros, em “Reformas da aparelhagem estatal: novas estratégias de legitimação social”, analisam a nova conformação da aparelhagem estatal brasileira às diretrizes gerais da Terceira Via, nos governos Fernando Henrique Cardoso e nos dois primeiros anos do governo Lula. No último artigo desta parte “Mecanismos regulatórios como elementos constitutivos da nova pedagogia da hegemonia”, Maria Emília Bertino Algebaile analisa os mecanismos regulatórios que estimulam e orientam a difusão da nova pedagogia da hegemonia no país.

Na terceira parte, os autores selecionam e analisam quatro experiências concretas, que evidenciam importantes traços do modo pelo qual a pedagogia da hegemonia se difunde na sociedade brasileira contemporânea. Ialê Falleiros, em “Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação básica e a construção de uma nova cidadania”, identifica as diretrizes para a construção de uma nova cultura cívica no país. No artigo “Fundação Belgo-Mineira: o empresário em ação”, Adriane Silva Tomaz descreve os projetos, ações e práticas pedagógicas da FBM para a educação das novas gerações de trabalhadores matriculados nas redes públicas municipais, segundo seus ideais, idéias e práticas em sintonia com as estratégias político-ideológicas da responsabilidade social, implementadas no país pelo Instituto Ethos. Ronaldo Sant’Anna, em “Igreja Católica e a educação no Brasil de FHC e Lula da Silva: tempos modernos, sonhos antigos”, revela a doutrina e a prática da Igreja Católica nas ações de filantropia em pleno ambiente neoliberal. No último artigo, “Vila Olímpica da Maré e as políticas públicas de esporte em favelas do Rio de Janeiro”, Marcelo Paula de Melo demonstra que esse projeto se concretiza como importante mecanismo de obtenção de consenso popular e serve à divulgação de uma concepção que não leva à conscientização e à crítica das difíceis condições de vida da sociedade em geral, não apenas das favelas do Rio de Janeiro.

Em conclusão, trata-se de uma obra imprescindível à comunidade acadêmica, pela atualidade, abrangência e profundidade com que são tratadas as questões, e contribui, sobremaneira, para o debate sobre temas relativos à formação humana e à dominação social. A nova pedagogia da hegemonia poderá, sem dúvida, servir de guia, como objetivam os autores, para definição de estratégias mais eficazes para o fortalecimento de uma contra-hegemonia no Brasil, que não se preste apenas a interpretar os fenômenos da sociedade, mas se revele como práxis capaz de contribuir para transformar o mundo.

Quem sabe faz a hora...